



*Organizadoras*

Luciana Nunes de Nunes

Samanta Antoniazzi

Valéria Quadros

# Psicanálise, memória, história e política

**Blucher**



# PSICANÁLISE, MEMÓRIA, HISTÓRIA E POLÍTICA

*Organizadoras*

Luciana Nunes de Nunes

Samanta Antoniazzi

Valéria Quadros

*Psicanálise, memória, história e política*

© 2025 Luciana Nunes de Nunes, Samanta Antoniazzi, Valéria Quadros (organizadoras)  
Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher

*Editor* Eduardo Blücher

*Coordenador editorial* Rafael Fulanetti

*Coordenadora de produção* Ana Cristina Garcia

*Produção editorial* Helena Simões Miranda e Andressa Lira

*Preparação de texto* Maurício Katayama

*Diagramação* Thaís Pereira

*Revisão de texto* Lidiane Pedroso Gonçalves

*Capa* Laércio Flenic

*Imagem da capa* iStockphoto

## Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar  
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil  
Tel.: 55 11 3078-5366

**contato@blucher.com.br**

**www.blucher.com.br**

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,  
conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico  
da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira  
de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial  
por quaisquer meios sem autorização  
escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela  
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

P974 Psicanálise, memória, história e política / organizado  
por Luciana Nunes de Nunes, Samanta Antoniazzi, Valéria  
Quadros. – São Paulo : Blucher, 2025.

246 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2550-8

1. Psicanálise. 2. Psicanálise e política. 3. Teoria  
psicanalítica. 4. Psicanálise – Escola Freudiana. 5.  
Psicanálise e história – CEPdePA/Serra. 6. Psicanálise  
– Pesquisas Cepianas. 7. Freud, Sigmund, 1856-1939.  
I. Nunes, Luciana Nunes de. II. Antoniazzi, Samanta.  
III. Quadros, Valéria.

CDD 150.195

CDD 159.964.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

CDD 150.195

2. Psicanálise

CDU 159.964.2

# Conteúdo

Argumento	7
<i>Luciana Nunes de Nunes</i>	
<i>Samanta Antoniazzi</i>	
<i>Valéria Quadros</i>	
<b>1. Freud, o político da alteridade</b>	<b>11</b>
<i>Leonardo Adalberto Francischelli</i>	
<b>2. Dos problemas atuais ao futuro da psicanálise</b>	<b>25</b>
<i>Sander Machado</i>	
<b>3. “O inconsciente é a política”</b>	<b>43</b>
<i>Margarida Viñas</i>	
<b>4. Psicanálise, fotografia e memória: tessituras possíveis</b>	<b>61</b>
<i>Diego Aram Meghdessian Bedrosian</i>	
<i>Weidila Nink Dias</i>	
<i>Daniel Araújo dos Santos</i>	
<i>Sandra Djambolakdjian Torossian</i>	

5. Ensaio para vida e memória: uma leitura psicanalítica do traumático da pandemia de covid-19 no Brasil 73  
*Lisiane Molina Leffa*
  6. O processo de “tornar-se” mulher negra a partir de um olhar psicanalítico 91  
*Carolina Pereira*
  7. Uma medida *nada* provisória: o ser estrangeiro na própria terra 113  
*Ignácio Alves Paim Filho*  
*Júlia Schneider Protas*  
*Larissa Brasil Ullrich*  
*Tânia Nara Carvalhal Israel*
  8. Racismo: estrangeiro que habita em mim 129  
*Paula Frizzo*
  9. Reflexões sobre as faces da histeria e sua relação com a moral sexual 143  
*Karin Mayer Richter*
  10. O amor na história e as histórias de amor 161  
*Flávia Bernardi*  
*Roseli Dal Bem Fistarol*
  11. Sobre o silêncio das mulheres 187  
*Denise Fátima Casara*  
*Flávia Bernardi*
  12. A imposição da maternidade 207  
*Nicole Pedroti Venturin Padilha*
  13. “Freud morreu, mas passa bem”: por uma versão da história do CEPSerra 225  
*Denise Fátima Casara*  
*Júlio César Kunz*
- Sobre as autoras e os autores 243

# Argumento

*Luciana Nunes de Nunes*

*Samanta Antoniazzi*

*Valéria Quadros*

Na primavera de 2023 começamos a elaborar a temática deste livro, que se insere em uma proposta institucional de publicação bianual do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre/Serra (CEPdePA/Serra). A ideia de pensar a psicanálise em suas interseções com a história e com a política emergiu por duas vias: uma delas relacionada à cultura; outra ligada ao fato de o CEPdePA/Serra celebrar quarenta anos em 2024.

No âmbito da cultura, nos últimos anos, vimo-nos confrontados com situações históricas que nos convocaram a vir a público afirmar nosso compromisso no sentido de defesa da democracia e do direito à vida. A abertura do campo psicanalítico para o letramento racial, para os estudos de gênero e para a decolonialidade provoca a urgência de um olhar crítico para a teoria psicanalítica e suas bases epistemológicas. Questionar o contexto histórico e político de suas condições de produção e de sustentação torna-se imprescindível para que o saber psicanalítico possa seguir se reinventando.

Como apontamos, este livro também marca os 40 anos de fundação do CEPdePA/Serra. Nascida em 1984, de um projeto coletivo que buscava ampliar as possibilidades da psicanálise na cidade de Porto

Alegre, a instituição atravessou diferentes momentos, consolidando sua proposta de ser um centro de estudos da psicanálise e de, ao mesmo tempo, oferecer formação psicanalítica. A marca de nossa transmissão constitui-se tanto de um estudo aprofundado e consequente do fundamento freudiano como de uma abordagem plural no estudo de outros autores que fizeram escola na psicanálise. Nesse processo de consolidação de seus propósitos, em 1998 o CEP participou da fundação da Federação Latino-Americana de Associações de Psicoterapia Psicanalítica e Psicanálise (FLAPPSIP). Assim, expandiu-se a interlocução com entidades de raízes comuns, empenhadas no diálogo científico, na interação entre a teoria e a clínica, e entre esta e o campo social.

No campo político, em 2015 o CEP passou a integrar o Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras, cuja causa é a não regulamentação da psicanálise, defendendo-a como leiga e laica, bem como o rigor da formação do psicanalista. Em 2022 foi aprovado o Projeto Ananse, de ações afirmativas, que se propõe a aprender e compartilhar uma psicanálise implicada com o antirracismo.

Com sede em Porto Alegre, a instituição, desde seus inícios, estabeleceu um intercâmbio com cidades da região da Serra. No primeiro decênio dos anos 2000, com a fundação de uma sede na cidade de Caxias do Sul, agregou-se Serra ao nome do CEP.

Quanto à nossa produção editorial, desde 1992 publicamos anualmente a *Revista do CEPdePA* e, em 2010, passamos a publicar nossos livros. Em alguns destes, interessou-nos traduzir diretamente do alemão textos seminais da obra de Freud, combinando-os com a produção dos colegas dos vários segmentos da instituição.

Inspirados pelos 40 anos do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre/Serra, o livro *Psicanálise, memória, história e política* é um convite para que os leitores possam testemunhar a marca do tempo nas produções, reflexões e pesquisas cepianas. O tempo de elaboração do que passou, com suas possibilidades de leitura crítica. O tempo de

espanto com o presente, no que a escuta psicanalítica nos faz perceber e estranhar, ainda que o sentido se apresente em aberto. O tempo de sonhar o futuro, diante das incertezas que nos espreitam.

O livro se abre com a temática da psicanálise e política. O passado e o futuro da psicanálise nos são interrogados nos modos de subjetivação de hoje. Para um mergulho no futuro, nos são trazidas a memória e a fotografia – marcas de uma história que está sempre a se escrever. O traumático da nossa cultura e sua relação de imanência com a barbárie nos são dados a ver em textos que problematizam nossa estrutura social – seja nas articulações em relação ao enfrentamento da pandemia da covid-19, seja no tema que grita por escuta: o racismo estrutural no Brasil.

Em seguida, eixos da teorização freudiana são retomados, por meio dos estudos sobre a histeria, da temática da maternidade e lugar da mulher na cultura, bem como da teorização sobre o amor, em uma composição entre história e atualidade. Por fim, o livro encontra seu concluir com um texto que aborda o vigor da transferência de trabalho na história cepiana, em uma leitura/escrita sobre a formação do CEPSerra.

Boa leitura!

# 1. Freud, o político da alteridade

*Leonardo Adalberto Francischelli*

*Para os que entram nos mesmos rios,  
correm outras e novas águas.*

Heráclito

## *I*

A proposta do presente trabalho, colocando Freud como “o político da alteridade”, faz pensar em uma possível ética no banquete totêmico, ao qual Freud se refere em *Totem e tabu* (Freud, 1913[1912-1913]/2006c). É a partir deste e dos demais textos sociais de Freud que se pretende mostrar sua posição como homem político do seu tempo.

Em 1908, Freud nos apresenta seu trabalho “Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna”,<sup>1</sup> no qual poderia se sustentar que ele constrói uma espécie de resumo dos seus escritos anteriores sobre a temática do que acontece entre a vida pulsional e o antagonismo

---

1 Em diferentes traduções do alemão para o nosso idioma, muitos tradutores preferem *cultura* em lugar de *civilização*. Freud se declara indiferente entre falar de cultura ou civilização (Freud, 1908/2006b, p. 6).

da cultura. Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/2006a) já descrevia “o vínculo de oposição existente entre a cultura e o livre desenvolvimento da sexualidade” (p. 221), gerando consequências na vida sexual do homem.

Em 1913, *Totem e tabu* (Freud, 1913[1912-1913]/2006c) alberga uma série enorme de destacados autores, assim como toda a bagagem clínica e teórica sobre a estrutura das neuroses obtida por Freud até aquele momento, como um modelo para pensar a organização dos povos primitivos. Destaca-se a tese central e impactante referente ao retorno do totemismo na infância em que Freud afirma: “Certo dia, os irmãos que tinham sido expulsos retornaram juntos, mataram e devoraram o pai, colocando assim um fim à horda patriarcal. Unidos tiveram a coragem de fazê-lo e foram bem sucedidos no que lhes teria sido impossível fazer individualmente” (2006c, p. 145). *Certo dia*, diz o autor, sem uma determinação histórica com hora, data e ano, isso porque não seria possível “visar a exatidão nesta questão”, tanto “quanto seria inadequado insistir da certeza” (2006c, p. 146).

Após esse importantíssimo ato parricida, certamente fundacional, nasce o banquete totêmico que Freud batiza como a primeira festa da humanidade. Essa façanha memorável e criminal dá lugar ao começo das organizações sociais, às limitações éticas e à religião. E, é claro, na esteira desse acontecer histórico, nasce a proibição do incesto e a exogamia, posto que os irmãos acordaram que nenhum estava apto a ocupar esse lugar do pai que, depois de morto, ficou mais forte do que quando estava vivo, tornando-se um pai simbólico.

Em seguida, sobre esse momento que é também o nascedouro da lei, Freud (2006c) afirma que ela “apenas proíbe os homens de fazer aquilo que seus instintos o inclinam” (p. 129). Retomamos, assim, a questão da pulsão, sexual sem dúvidas, para chamar a atenção ao ponto em que lei e pulsão se encontram.

Em “Reflexões para os tempos de guerra e morte”, já com a Primeira Guerra Mundial em andamento, Freud lembra dois aforismas que ainda mantêm sua atualidade. O primeiro: “*Navigare necesse est, vivere nom necesse!*” (Navegar é preciso, viver não é preciso)” (Freud, 1915/2006d, p. 301). Quanto a este, não é necessário esclarecimento. Já em relação ao segundo, ele propõe uma modificação. “*Si vis pacem, para bellum*” (Se queres conservar a paz, prepara-te para a guerra) (p. 309) estaria mais de acordo com os tempos atuais se fosse alterado para “*Si vis vitam, para mortem*” (Se queres suportar a vida, prepara-te para a morte) (p. 309). A morte, a que não queremos lembrar, entra em cena, como deve ser, porque ela, como a pulsão, desassossega o homem.

Em 1921, no texto *Psicologia de grupo e análise do eu*, posterior à Primeira Guerra Mundial, Freud estuda as instituições sociais, representadas pelo exército e Igreja, aquele o poder bélico e esta o divino. Nesse trabalho, de importância capital, ele desenvolve os tipos e efeitos das identificações. Merece destaque, nesse ensaio, um forte recado, bastante atual, a todo psicanalista do século XXI e aos que virão pela frente: “Nunca se pode dizer até onde esse caminho nos levará; cede-se primeiro em palavras e depois, pouco a pouco, em substância também” (Freud, 1921/2006e, p. 102). Com efeito, é algo corriqueiro, no nosso meio e na sociedade em geral, não discutirmos sobre determinados fatos que nos acometem, ou ainda sobre os conceitos que estabelecemos, bem como cedermos nas palavras.

O fato de formar-se “a comunidade totêmica de irmãos, todos com direitos iguais e unidos pelas proibições totêmicas que se destinavam a preservar e a expiar a lembrança do assassinato” (p. 146), não impediu o nascimento de oposições e protestos. Em outras palavras, o mito científico da horda primitiva fundou o marco civilizatório da organização humana. No mito, impõe-se uma lei, a lei da castração, a qual diz que as mulheres, os bens, não pertencem a um só, mas sim a todos e, para sua vigência, institui os marcos que visam a impedir o

retorno à terra sem lei, sem ética, instituindo a proibição do incesto e a exogamia. Entretanto, pela existência dessa lei, que nomeamos como os efeitos castratórios dos atos civilizatórios, sempre há um efeito, um chamamento a desafiná-los, com a ideia de que alguém ficaria impune.

Alguns anos depois, em 1927, Freud nos apresenta outra obra-prima de seus textos sociais: *O futuro de uma ilusão*. Nesse texto, ele diz: “Deslizamos, sem nos darmos conta, do campo econômico para o da psicologia” (Freud, 1927/2006f, p. 20). Isso porque, se havia uma tendência entre os intelectuais da época em enfatizar o patrimônio cultural dos bens existentes e das normas que regiam sua distribuição, Freud concluiu que a cultura se apoia prioritariamente na compulsão ao trabalho e na renúncia do pulsional.

No tocante à renúncia do pulsional, os termos frustração, proibição e privação são elencados por Freud para determinar: que uma pulsão não seja satisfeita; que uma norma impeça sua satisfação; e que essa proibição tenha um efeito no homem (Freud, 1927/2006f). Por outro lado, nossos desejos básicos, cuja satisfação está vetada pela cultura, são: o incesto, o canibalismo e o gosto de matar.

Depois de expor como a cultura é construída, Freud coloca seu ponto de vista pessoal sobre esse tema tão importante no nosso comportamento em sociedade: “Não é preciso dizer que uma civilização que deixa insatisfeito um número tão grande de seus participantes e os impulsiona à revolta não tem nem merece a perspectiva de uma existência duradoura” (p. 22). Pelo que se vê, a confiança de Freud na humanidade não lhe dá muito entusiasmo.

Freud (1927/2006f) fundamenta seu olhar pessimista: “Esta identificação das classes oprimidas com a classe que as domina e explora é, contudo, apenas uma parte de um todo maior” (p. 23). Essa colocação enigmática se esclarece em seguida: os explorados estariam ligados com o explorador afetivamente e, apesar da hostilidade dirigida aos senhores, olham-no como o seu ideal.

Nessa passagem descobre-se uma “ligação afetiva com o explorador”. Peça muito importante nesse tabuleiro social entre explorador/explorado, é por essa razão que se pode compreender como diferentes civilizações sobreviveram tanto tempo, malgrado a justificável hostilidade de grandes massas humanas.

À medida que Freud avança em sua investigação sobre o que ele denomina “o futuro de uma ilusão”, aparece a inversão das injustiças praticadas pelos exploradores sobre os explorados, que finalmente serão agraciados:

*Assim, todos os terrores, sofrimentos e asperezas da vida estão destinados a se desfazer. A vida após a morte, que continua a vida sobre a terra exatamente como a parte invisível do espectro se une à parte visível, nos conduz à perfeição que talvez tenhamos deixado de atingir aqui. É a sabedoria superior que dirige esse curso das coisas, a bondade infinita que nela se expressa, a justiça que nela atinge seu objetivo, são os atributos dos seres divinos que também nos criaram e ao mundo como um todo, ou melhor, de um ser divino no qual, em nossa civilização, todos os deuses da antiguidade foram condensados. (Freud, 1927/2006f, p. 28)*

Ao afastar-se do econômico e ligar-se ao psicológico, Freud não ignora nesse trabalho as diferenças sociais e vê na religião o caminho à justiça para aqueles que padecem a exploração do homem na terra. Ao mesmo tempo, adjetiva esse processo de justiça como uma ilusão. Somos daqueles que assinamos embaixo para sustentar que concordamos com essa formulação, visto que advogaríamos que a justiça se realize aqui na terra e não em outro lugar ignorado. Por outro lado, parece que, ao mencionar a ilusão, Freud alerta que esta acabaria com o crescimento da racionalidade do homem, delegando a alguém chamado Deus aquele que estabeleceria a justiça no mundo. Quanto

a uma possível comparação com as neuroses, ele diz: “A religião seria a neurose obsessiva humana universal; como na criança, nasceria do complexo de Édipo, do vínculo com o pai” (Freud, 1927/2006f, p. 43).

Poucos anos depois, ainda falando dos enganos e ilusões que nos acometem, Freud afirma: “É impossível fugir à impressão de que as pessoas comumente empregam falsos padrões de avaliação – isto é, de que buscam poder, sucesso e riqueza para elas mesmas e os admiram nos outros, subestimando tudo aquilo que verdadeiramente tem valor na vida” (Freud, 1930[1929]/2006g, p. 73). Freud nos adverte sobre o que tem valor, destacando que empenhar a vida em puras ambições seria desperdiçá-la.

Por outro lado, ele reconhece que, em nossas vidas, sofremos inúmeras ameaças:

*O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. (Freud, 2006g, p. 84-85)*

Podemos pensar que, quanto aos dois primeiros, corpo e mundo externo, é inevitável que eles acabem por impor suas forças a nós, por mais que tentemos evitá-las. Já nossos relacionamentos com os outros, gerador de um sofrimento do qual poderíamos nos resguardar, é nossa verdadeira dor de cabeça, com a qual estamos todos os dias lidando.

De fato, o outro-humano é aquele que restringe nossa liberdade, nossa propriedade, que estabelece nossos limites. Ou, como quer Freud (1930[1929]/2006g), “a liberdade individual não constitui um dom da civilização” (p. 102). Com efeito, a liberdade individual tem limites. É ao adotar essa transparência no tocante tanto à castração quanto ao

desejo de não ser abalado por ela que Freud adota uma postura de ação política, visando a um bem-estar comum.

Pode-se pensar, entretanto, que a mesma colocação dos limites que Freud diz necessários para a vida civilizada parece ser utilizada pelos espíritos autoritários, postulando que essa “liberdade individual” não tem lugar, ainda que possam lembrar que a civilização sempre contará com remanescentes do pai da horda primitiva, em que só sua palavra tinha valor. E aqui reside toda a terceira dificuldade comentada anteriormente, aquela que fala da nossa relação com o outro, pois como aceitar que minha liberdade termina quando começa a do outro?

Ainda, no *Mal-estar na cultura*, encontramos esta outra afirmação freudiana:

*Essa inversão de valores dificilmente seria possível, se as substâncias expelidas do corpo não fossem condenadas por seus intensos odores a partilhar do destino acometido aos estímulos olfativos depois que o homem adotou a posição ereta. O erotismo anal, portanto, sucumbe em primeiro lugar à “repressão orgânica” que preparou o caminho para a civilização. (Freud, 1930[1929]/2006g, p. 106)*

Essa passagem reflete o que muitos comentam ser o segundo mito elaborado por Freud, o da postura ereta do ser humano, pelos efeitos do chamado recalque orgânico. A colocação de que o recalque, como mecanismo de defesa, avança com os avatares da cultura representa uma genial capacidade de previsão de alguém que sabe que todos os processos culturais sofrem modificações com o andar dos tempos.

Nessa sequência dos chamados textos sociais de Freud, cabe lembrar a carta que escreveu para Einstein, quando este, Prêmio Nobel de Física, dirigiu-lhe a pergunta “Por que a guerra?”. “*L’union fait la force*”, respondeu-lhe Freud, completando: “A violência podia ser derrotada pela união, e o poder daqueles que se uniam representava, agora, a lei,

em contraposição à violência do indivíduo só. Vemos, assim, que a lei é a força de uma comunidade” (Freud, 1933[1932]/2006h, p. 199).

“Em oposição à violência do único”, ou seja, estamos diante de uma mudança que poderíamos dizer estrutural, em que o poder emana de todos, da comunidade. Freud mostra às claras sua posição no debate político do seu tempo, com posições transparentes e precisas a favor de um poder democrático, em um diálogo com Einstein. Há que se lembrar, como mencionamos antes, que não se deve ceder nas palavras, pois a qualquer tempo alguém poderá se apossar do poder individualmente.

Freud (1939[1934-1938]/2006i), que poucas vezes falou da ética, acrescenta em seu *Moisés e o monoteísmo*: “Agora bem, a ética é a limitação do pulsional” (p. 114). De fato, a ideia pulsional não sai da cabeça de Freud. Razão tinha Lacan de fazer da pulsão um conceito fundamental da psicanálise. Por outro lado, a cultura não pode prescindir dessa ética que limita o pulsional. Além disso, o homem é um ser dependente do outro e juntos organizam a lei da comunidade, que regulamenta o trânsito humano.

## II

A atualidade do pensar de Freud pode ser atestada no presente relato:

*Quando abrimos o jornal pela manhã e vemos que os homens notáveis da nossa cultura procedem abertamente, ou como cúmplices, em atos de enganar as normas sociais mais caras à civilização. [...] servem como modelos de identificação que se propagam aceleradamente no tecido social, multiplicando o comportamento perverso, em detrimento do reconhecimento neurótico da lei. (Piterbarg, 2002, p. 47-48, tradução nossa)*

Após defender que a sociedade contemporânea estaria mais produzindo perversos que neuróticos, Piterbarg evoca uma posição da Hanna Segal de 1985: “Nós psicanalistas, que acreditamos no poder da palavra e nos efeitos terapêuticos de verbalizar a verdade, não devemos permanecer calados” (Segal *apud* Piterbarg, 2002, p. 50, tradução nossa).

Calar ou silenciar, quando valores preciosos são ameaçados ou quando a própria democracia é posta em risco, é uma atitude impensada nas instituições psicanalíticas. Nesse aspecto, o autor segue fazendo referência a um fato recente:

*Há pouco com a vigência formal de um governo constitucional, e com a realização do XV Congresso Psicanalítico Latino-americano pude escutar alguma voz psicanalítica que dentro do âmbito institucional se referia explicitamente ao horror que vivemos. (Piterbarg, 2002, p. 54-55, tradução nossa)*

Piterbarg faz referência a alguns trabalhos, e entre eles destacamos os dos doutores Marcos Guiter e Norberto Marucco, que em sua apresentação no painel, sobre associação livre e atenção flutuante, afirmam que “nos países onde não existe liberdade política a associação livre tende a se apagar” (*apud* Pitergard, 2002, p. 50, tradução nossa).

Será possível praticar a psicanálise onde não há liberdade política? É uma questão que os psicanalistas latino-americanos poderiam responder, posto que mais de uma geração de analistas praticaram seu ofício em regimes ditatoriais. “Maud Mannoni afirma: ‘os psicanalistas argentinos negavam a realidade. Não avalizavam, psicotizavam’” (*apud* Pitergard, 2002, p. 62, tradução nossa).

Essa observação de analista admirada pela grande maioria de analistas argentinos chocou a comunidade psicanalítica, que trabalhou

ativamente durante a ditadura militar. Pitergard (2002) acrescenta sobre o comentário de Maud: “Quantos problemas de técnica se criaram a respeito. Poderíamos dar uma aula à Maud Mannoni se nos atrevêssemos a mostrar e compartilhar nossa experiência e conhecimento sobre o tema” (p. 62, tradução nossa).

### III

Percorremos os textos sociais de Freud, desde *A moral sexual “civilizada”* (1908), até o (seu) último, aquele em que apresenta o *seu* Moises. São trinta anos de um trabalho dirigido a conjugar a dialética entre pulsão versus cultura e seus efeitos no psiquismo humano, ainda que seja redundante.

Nesse percurso, Freud nos apresenta dois mitos, aquele da horda primitiva, seguido pelo do recalque orgânico. O primeiro, aquele em que os irmãos assassinam o pai primevo e comem sua carne, fazendo do pai morto o pai simbólico, o pai representante da autoridade, destituindo o pai autoritário. Com isso, do autoritarismo de um, a lei é deslocada para a comunidade. Em consequência nasce a proibição do incesto e surge a exogamia. E por isso é chamado de mito civilizatório, dando origem às organizações sociais, à religião e o sentido da ética.

Enquanto o segundo, o recalque orgânico, coloca o homem na posição vertical, a bipedestação, com a consequente desvalorização do olfato. Na posição ereta, toda a sexualidade, e não só o erotismo anal, corre o risco de ser vítima do recalque orgânico.

Contudo, havemos de frisar: a sexualidade está no centro de ambos os mitos. Em ambos os eventos ela ocupa o lugar de autoria, desafiando a cultura ou tratando de derrubá-la, não querendo se dobrar aos limites da castração que os filhos impuseram ao pai primevo, dizendo-lhe que toda a riqueza não pode pertencer apenas a ele. Ela necessariamente deve ser distribuída entre todos.

Também a lei deve ser para todos, não pode haver um único senhor imune a ela. É isso que Freud nos procura transmitir de uma forma revolucionária, pois, em última instância, ele propõe que a liberdade pertence a todos e não a um único indivíduo.

Todo seu afincamento em nos deixar essa herança democrática, toda essa labuta, ainda que o homem vacile e possa se submeter ao autoritarismo ou mesmo gostar desse tipo de liderança, ele marca seu percurso com ferro e fogo em prol da liberdade. A determinação de não silenciar nem ceder diante daqueles que proclamam Estados totalitários é a herança que Freud nos deixa.

Quanto à religião, cujas promessas Freud advogou de forma contrária vigorosamente, pode-se dizer que seus ideais no tocante a essa matéria fracassaram. O que se vê na atualidade é um avanço inquestionável a favor das soluções divinas. Algo aconteceu com o nosso tempo, que fez com que a fé religiosa crescesse de uma forma assustadora. As causas desse crescimento poderiam ser atribuídas à absurda concentração da riqueza nas mãos de poucos, com um aumento desmedido da pobreza, um terreno fértil para a promessa, como dizia o próprio Freud, para que a injustiça seja corrigida com o ingresso no reino do céu daqueles injustiçados na terra.

É correto dizer que Freud é um homem político? Sim, com todas as letras. Não um político militante de um partido político, mas pelo modo como agiu, coerente com seu pensamento, durante toda sua vida. E também pelas ideias que defendeu.

Porém, pensamos que Freud merece esse título por ter sido um homem do seu tempo, expressando, por meio de seus escritos sociais, sua inflexibilidade quanto à sua posição democrática, sempre em defesa da liberdade do homem. A própria psicanálise, sua maior criação, foi pensada para libertar o indivíduo de suas malezas psíquicas, que o impedem de desfrutar do dom da vida. Centralmente, devemos dizê-lo, para que o ser humano não vivesse como objeto. “A violência

podia ser derrotada pela união”, dizia Freud (1933[1932]/2006h, p. 199), evocando uma relação de alteridade.

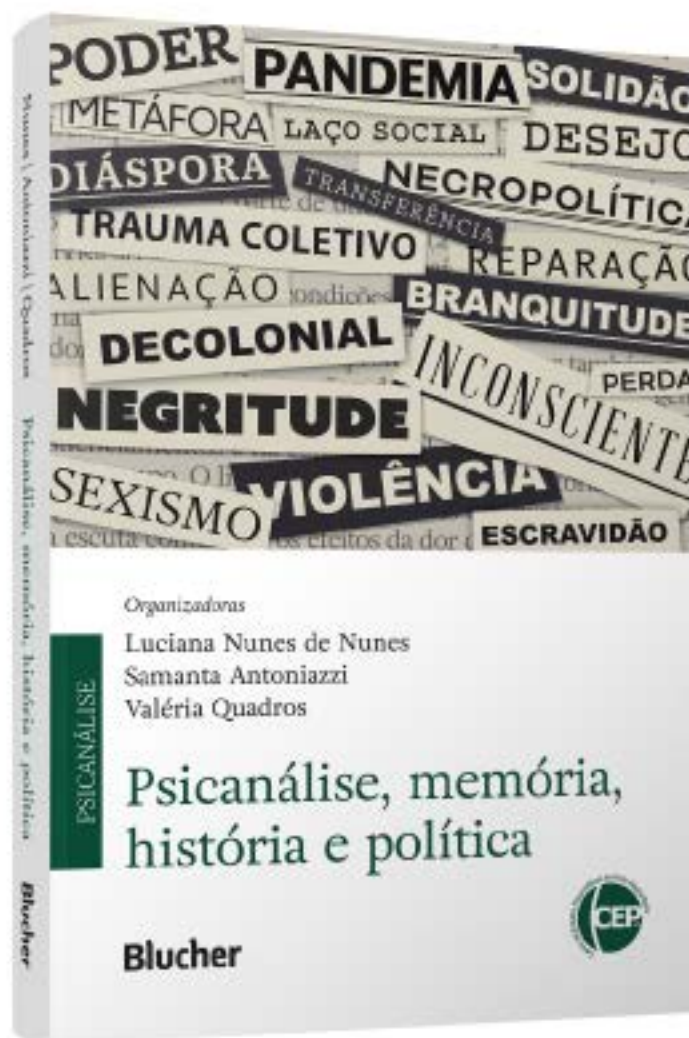
Cabe ainda destacar que ele foi um homem atento ao mal-estar de sua contemporaneidade, permitindo-nos supor que, quando ele escreveu *Totem e tabu*, já suspeitava da eclosão da Primeira Guerra Mundial. Não foi diferente com *O mal-estar na cultura*: Freud viu no horizonte o processo que alimentou a eclosão da Segunda Grande Guerra.

Veja-se, Freud trabalhava e escrevia quando Hitler chegou ao poder, em 1933, precedido por Mussolini na Itália. Não havia lugar para homens ingênuos e Freud não parava de escrever sobre o social. Como não pensar que, como muitos da atualidade, Freud não “havia perdido para sempre seu humanismo ingênuo e tinha compreendido que entre ele e o fascismo havia lugar somente para o combate como tarefa prioritária de sua vida”? (Viñar, 1992, p. 34).

## Referências

- Freud, S. (2006a). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. VII). Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (2006b). A moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. IX). Imago. (Trabalho original publicado em 1908)
- Freud, S. (2006c). Totem e tabu. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIII). Imago. (Trabalho original publicado em 1913[1912-1913])
- Freud, S. (2006d). Reflexões para os tempos de guerra e morte. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV). Imago. (Trabalho original publicado em 1915)

- Freud, S. (2006e). Psicologia de grupo e análise do ego. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII). Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (2006f). O futuro de uma ilusão. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XXI). Imago. (Trabalho original publicado em 1927)
- Freud, S. (2006g). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XXI). Imago. (Trabalho original publicado em 1930[1929])
- Freud, S. (2006h). Por que a guerra? In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XXII). Imago. (Trabalho original publicado em 1933[1932])
- Freud, S. (2006i). Moisés e a religião monoteísta. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XXIII). Imago. (Trabalho original publicado em 1939 [1934-1938])
- Piterbarg, J. S. (2002). *Un psicoanalista fuera del consultorio*. SIN Editorial.
- Viñar, M. (1992). *Exílio e tortura*. Escuta.



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## Psicanálise, memória, história e política

---

Luciana Nunes de Nunes, Samanta Antoniazzi  
e Valéria Quadros (Org.)

ISBN: 9788521225522

Páginas: 246

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2026

---



**Celebrar e colocar à prova** o vigor da psicanálise é o desafio deste livro. Os quarenta anos de existência do CEPdePA/Serra reafirmam o compromisso de (re)pensar a psicanálise frente aos movimentos humanos de conservação e sexualidade, de vida e de morte, de repetição e de transformação. Alerta à escuta, que não é neutra, mas sim abstinente, já que, como cidadãos e profissionais, somos objetos e testemunhas de manifestações simbólicas e dos atos destrutivos.

O livro *Psicanálise, memória, história e política*, ao longo de seus 13 capítulos, percorre o desafio de que esses pontos se entrecruzem e abram vias para que a escuta contemple os efeitos da dor de nosso tempo.

*Bárbara de Souza Conte*

Psicanalista. Membro pleno da Sigmund Freud Associação Psicanalítica e afiliada ao Instituto SIG Psicanálise & Política

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2552-2



9 788521 225522



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**